



COMUNICON2018  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

## “Uma mente é algo terrível para se desperdiçar”: Uma alegoria social para crítica ao racismo no filme *Corra!*<sup>1</sup>

Matheus Bibiano<sup>2</sup>

Universidade Federal Fluminense, Niterói/RJ

### Resumo

O presente artigo pretende desenvolver considerações sobre manifestações racistas apresentadas no filme *Corra!* (2017), avaliando a partir da análise do discurso alguns recursos narrativos desenvolvidos na narrativa de Chris Washington e as interpelações de uma “américa branca”. A narrativa de horror nos apresenta a história de Chris Washington (Daniel Kaluuya), um jovem fotógrafo negro de 26 anos que vai fazer uma visita à casa dos pais de sua namorada branca, Rose Armitage (Allison Williams). Ao chegar à casa dos Armitage, Chris se depara com diversas situações de constrangimento racial, até que isso chegue a níveis extremamente degradantes.

**Palavras-chave:** racismo; narrativas de horror; Get Out!.

*“Preto sujo!” Ou simplesmente: “Olhe, um preto!”  
Cheguei ao mundo pretendendo descobrir um sentido nas coisas,  
minha alma cheia do desejo de estar na origem do mundo,  
e eis que me descubro objeto em meio a outros objetos.*

– Frantz Fanon em “Pele negra, máscaras brancas”

Pensar a diferença é exatamente o primeiro passo para pensar a formação de uma identidade. É a partir da diferença que se faz possível entender e discriminar aquilo que é e o que não é. A identidade e a diferença existem de forma complementar e em oposição (SILVA, 2000). Logo, a constituição da identidade se faz no encadeamento da falta, constituindo a si mesmo a partir daquilo que não é. O racismo dá-se exatamente nestes esquemas. Para que o negro seja narrado como inferior, por conseguinte, o sujeito branco é narrado como superior e tão logo denominado como sinônimo de poder (HALL, 2016).

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no 3º Encontro de GTs de Graduação - Comunicon, realizado no dia 10 de outubro de 2018.

<sup>2</sup> Graduando do curso de Estudos de Mídia na Universidade Federal Fluminense e bolsista de Iniciação Científica/PIBIC/CNPq/GRECOS: Grupo de Estudos sobre Comunicação, Cultura e Sociedade e LAMI: Laboratório de Mídia e Identidade, orientado pela Prof.<sup>a</sup> Ana Lucia Enne.  
Contato: mabibiano@id.uff.br



**COMUNICON2018**  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Mesmo considerando o racismo é uma forma muito específica de submissão do negro. Podemos também entendê-lo como uma forma de preconceito. Agnes Heller (2000), dissertando sobre as manifestações cotidianas do preconceito postula que o mesmo aparece nas relações de poder e reduz as possibilidades de alteridade e cristaliza o lugar dos estereótipos, fixando juízos de valor que constroem muros de significado através da fé. A crença da legitimidade do preconceito a partir de uma perspectiva individual. São os estereótipos racistas – e suas reproduções – os grandes responsáveis pela fixação dos sentidos sobre o corpo negro. Um corpo que objetificado, hipersexualizado e explorado ao longo da história do ocidente.

Trazendo considerações sobre manifestações de racismo na contemporaneidade, o presente artigo se esforça em discorrer sobre a questão através do filme *Corra!* (2017), filme vencedor na 90ª edição do Oscar na categoria melhor roteiro original. Dirigido pelo ator e recém-lançado diretor, Jordan Peele, o filme compõe uma alegoria social sobre os esquemas das relações escravistas e racistas, pontuando a composição de um cenário conservador e liberal de uma “América branca”.

A narrativa de horror nos apresenta a história de Chris Washington (Daniel Kaluuya), um jovem fotógrafo negro de 26 anos que vai fazer uma visita à casa dos pais de sua namorada branca, Rose Armitage (Allison Williams). Ao chegar à casa dos Armitage, Chris se depara com diversas situações de constrangimento racial, até que isso chegue a níveis extremamente degradantes.

Para compor esta análise, foram selecionadas algumas cenas para discutir pontos específicos na narrativa. Assim, não serão levados em consideração o longa-metragem como uma peça única, seguindo um caminho cronologicamente correto, e sim como uma narrativa atravessada por diversas questões sociais que discutiremos a seguir.

## **O problema da diferença**

Já na cena inicial, anterior aos créditos, a narrativa já traz sinais de revelações do enredo. Um homem negro está caminhando pela calçada de um bairro residencial – um típico subúrbio americano, com seus quintais verdes e gramados, as casas alinhadas e espaçosas, sem muros ou cercas. Ele nota que um carro branco começa a desacelerar e acompanhar o seu caminhar pela rua e resmungando consigo mesmo “Não faça nada estúpido. Só continue andando”. Imediatamente, ele aperta o passo de sua caminhada, na melhor intenção de fuga.



COMUNICON2018  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Achando a situação um tanto desconfortável, ele decide dar meia volta e seguir outro caminho. O carro branco o ultrapassa e para logo a frente. De dentro do carro, uma pessoa mascarada sai e ataca o rapaz por trás com socos na barriga e tapando o seu nariz a fim de asfixiar o rapaz negro que transitava aquela rua. O homem que veste uma máscara de ferro da Ku Klux Klan arrasta o rapaz negro para o porta-malas do carro e segue o seu caminho no veículo branco.

A questão racial é aparentemente trabalhada sutilmente nesta primeira cena. O que um homem negro possivelmente estaria fazendo caminhando noite adentro em um bairro de subúrbio americano? Dentro do imaginário da representação do subúrbio, exaustivamente reproduzido na ficção estadunidense – tanto televisiva como cinematográfica – este é o lugar onde se encontra a alta classe média branca do país. Longe dos grandes centros e o caos que o acompanha (GRAY, 2005).

Sendo assim, o que um homem negro estaria fazendo ali naquele bairro? Ele simplesmente se encontra geograficamente deslocado de seu lugar na cidade, colando na cor da pele a rachadura social daqueles que tem o direito àquele espaço e àqueles que o acesso é interdito. A cor branca do carro não é representada ali de forma ingênua. Ela representa a patrulha e a vigilância dos olhos da brancura sobre o negro. O sequestro do rapaz negro que transita pelo bairro pode ser entendido como um veto social e um discernimento racista e deturpado de justiça que se posiciona contra à diferença.

A cena seguinte, posterior aos créditos iniciais, já somos apresentados ao nosso anti-herói. Chris está se arrumando e fazendo as malas para encontrar com sua namorada, Rose. Quando a jovem chega até a casa de Chris, o problema rapidamente tem sua apresentação: Chris está claramente desconfortável com a ideia de conhecer os pais de sua namorada, que é branca. Ele a pergunta se seus pais já sabem que ele é negro. Ela o responde argumentando que seus pais não são racistas e que o fato de Chris ser negro não faz a menor diferença para eles:

Chris: Fui seu primeiro namorado negro?

Rose: Sim. E daí?

Chris: É algo novo para eles. Eu não quero ser perseguido pelo quintal com uma espingarda.

Rose: Isso não aconteceria. Primeiro que, meu pai votaria no Obama mais uma vez, se fosse possível. Por isso o amor é verdadeiro. Estou te dizendo porque eu sei que ele vai querer falar sobre isso [...] Eles não são racistas. [Se fossem] eu o contaria.

Na fala de Rose, o efeito de sentido produzido ao dizer que seu pai votou e votaria mais uma vez em Obama manifesta uma vontade de verdade e um trato de confiança de que seus pais não são





**COMUNICON2018**  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

racistas. E tanto não são que até se articulam politicamente a favor da causa. Obama aqui é usado um recurso despretensioso de dissolução de uma relação de poder racista.

Mesmo sabendo que a cor da sua pele poderia ser um problema na relação com os pais de sua namorada, Chris não se mostra preocupado, inicialmente, com a relação que ele tem com o Rose. A ideia de estar em um relacionamento plurirracial não é dimensionada por ele como um problema. Fanon (2008), ao refletir sobre a relação do homem negro com a mulher branca, argumenta que o homem negro que se relaciona com a negra se torna um grande tabu para sua comunidade de cor; e em contrapartida, em sua psique, assimila uma forma de ascensão social na dimensão da afetividade: “Amando-me ela me prova que sou digno de um amor branco. Sou amado como um branco. Sou um branco” (FANON, 2008: 69).

Não acreditamos que Chris se coloque nesta situação fragilizada de entender-se como um sujeito incapaz de ser amado. A narrativa inicial do filme nos leva a entender que isto não deveria ser uma questão direta, muito embora os próximos acontecimentos nos digam ao contrário.

### **O cigarro e a interdição**

Já no carro, a caminho para casa dos Armitage. Chris pega um cigarro do bolso. Rose acha absurdo e joga o cigarro pela janela enquanto dirige. Chamando atenção aos detalhes desta narrativa. O fato de Rose ter jogado o cigarro fora nesta cena não representa apenas uma tentativa de proteger Chris de algum risco à sua saúde. Ao negar a possibilidade de Chris poder fumar seu cigarro, Rose catalisa um processo de desarmamento. Este pode ser entendido como um ato discursivo que envolve não apenas uma lógica de bem-estar e saúde médica.

Uma crítica similar pode ser encontrada em uma fala de Slavoj Žižek sobre o totalitarismo do politicamente correto. O filósofo argumenta que a fobia coletiva que existe em torno da ideia de fumar um cigarro não parte apenas do discurso médico sobre vícios e dependência química, o problema está na aparência e no que pode ser visto e está simplesmente no fato de expor o seu vício e no que esta exposição pode catalisar.

O cigarro neste filme é utilizado em diversas vezes como uma abordagem de interdição. Ao chegarem na casa dos Armitage, os pais de Rose o apresentam toda a casa, vão em direção a varanda e se sentam à mesa para conversar. Dean (Bradley Whitford), pai de Rose, observa que Chris está



**COMUNICON2018**  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

agitado e arrasta os dedos sobre a mesa, demonstrando o seu desconforto com a situação. Dean o pergunta se ele fuma. Chris ri um tanto aliviado e completa sua revelação dizendo que pretende parar. Dean diz que acha o hábito nojento e oferece os serviços de sua esposa, Missy (Catherine Keener). Ele completa reforçando que Missy psiquiatra e que ela ficaria feliz em ajudar a fazê-lo parar de fumar com um tratamento de hipnose.

A hipnose aqui aparece como um caminho de controle da mente e do corpo. Seguindo um pouco mais adiante no longa-metragem, se levanta à noite para fumar um cigarro. Quando volta para dentro da casa, encontra Missy sentada em sua sala de atendimento. Ela resmunga o perguntando se ele sabe como o cigarro faz mal para sua saúde. Ele responde concordando prontamente. Então Missy o convida para uma conversa pedindo para que ele sente a sua frente, como costuma-se fazer em uma sessão qualquer de terapia. Ela o pergunta se está confortável sentado naquela poltrona e se inclina para frente, pegando uma xícara de chá e começa a mexer, com movimentos circulares e ritmados, a colher dentro da xícara. Missy faz perguntas íntimas sobre a vida de Chris, o constrangendo a responder o que ele não gostaria de revelar.

Já muito concentrado no ritmo metálico do som que faz a colher dentro da xícara, Chris já está hipnotizado e a condução que Missy promove no processo de hipnose é a implantação de uma culpa. A culpa que agora Chris sente em não ter ajudado a mãe que morrerá em um acidente. Entrando em uma cena com uma atmosfera estelar, Chris se afunda nas profundezas do “esquecimento”. O esquecimento é o nome dado por Missy para o momento em que a consciência se descola do corpo de Chris, fazendo com o que ele seja “desligado” quase por completo. Esse esquecimento se configura na lacuna do negro no ocidente; um grande rompimento brusco da segunda pele africana (CARVALHO et al, 2008), demonstrando a carência da recomposição ancestral de um atlântico negro (GILROY, 2001).

Fato importante a ser ressaltado aqui é que todos os familiares de Rose são médicos. Seu pai, Dean, é Neurocirurgião; a mãe, Missy, é psiquiatra; e seu irmão, Jeremy é estudante de medicina. A figura do médico aqui se faz totalmente relevante dado ao peso que se atribuiu historicamente à profissão. O médico se configura como a entidade máxima de controle e poder sobre o corpo do outro; é ele quem detém do poder-saber necessário ao discernimento sobre o entendimento do saudável e sua validação (FOUCAULT, 2008). Aqui, nesta cena da primeira hipnose de Chris, pode-se entender que



**COMUNICON2018**  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

o exercício do discurso da verdade científica personificada através da figura do médico se torna decisivo. Chris não teria mais poder algum sobre si próprio:

A crença na Ciência - como toda crença, nada científica – tende a levar o médico que a ela adere consciente ou inconscientemente a assumir uma posição de onipotência diante da dita doença do paciente e, por conseguinte, diante do próprio paciente. Aquele passa a ser visto como devendo necessariamente submeter-se a sua tutela, de modo por vezes incondicional (MARTINS, 2004: 22).

Sob essas considerações, podemos pensar o cigarro nesta narrativa como elemento importante de desarmamento, vulnerabilidade e descontrole do personagem de Chris. Sem o cigarro, o personagem é posto no vazio da abstinência e na grande desqualificação de seu discurso (FOUCAULT, 1996).

## **A casa**

Quando Chris e Rose chegam à casa dos Armitage, Dean faz toda questão de que Chris conhecesse todo o espaço. Ele conduz Chris por todos os ambientes, chamando atenção para o escritório de sua esposa, as fotos da família, os itens de decoração que comprou em viagens ao exterior e os retratos do pai que foi atleta nas Olimpíadas de 1936 em Berlim:

Dean: Comprei isso em Bali. É bem eclético... eu sou um viajante, não consigo evitar de comprar lembrancinhas. É um privilégio conhecer outras culturas, entende? ... Você vai gostar disso. Meu pai teve sua parcela de fama... foi derrotado por Jesse Owens nas eliminatórias das Olimpíadas de Berlim em 1936... foi quando...

Chris: Owens ganhou de Hitler.

Dean: Sim, que momento. Hitler lá com sua bobagem de raça ariana perfeita e o cara negro prova ao mundo que ele está errado, incrível!

Chris: Mas que pena pelo seu pai

Dean: É... ele quase conseguiu.

Seguindo para cozinha, Chris se depara com Georgina, a empregada da casa que por sua vez, também é negra como ele. Chris não recebe muito a ideia e já desconfia da confiança que Rose antes o havia assegurado. Saindo da cozinha e passando pela porta dos fundos, ele se depara com o jardineiro, também negro. Dean percebe o seu desconforto e diz “Eu sei o que você está pensando... família branca, empregados negros, mas que clichê” e completa justificando “Contratamos Georgina e Walter para ajudar a cuidar de meus pais. Quando eles morreram, não pude demiti-los... Mas garoto, eu odeio o jeito que isso parece... e também, eu teria votado no Obama de novo se pudesse”.





**COMUNICON2018**  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Aqui mais uma vez, Chris é interpelado pela situação de constrangimento e comprovação de que ele não sofreria nenhuma represália racista. O personagem fica mais desconfortável com a situação dos empregados. A casa e as posições geográficas dos empregados exprimem os locais sociais e as relações étnico-raciais administradas no filme. Georgina e Walter sempre aparecem acompanhados de um sorriso altamente plástico e forçado.

Em cenas seguintes, Chris tenta estabelecer contato com eles, os únicos de sua cor. Em ambos os casos, eles não parecem muito felizes com a presença do rapaz na casa e guardam um desconforto de serem subservientes à outra pessoa da mesma cor. Essa situação exemplifica um habitus latente à lógica de casa grande e senzala. O habitus através de um entendimento de ideologia estabelece às ordens e posiciona os sujeitos exatamente onde deveriam estar (BOURDIEU, 2007).

### **A festa e o início do fim**

Os Armitage promovem uma festa na casa. Vários velhos habitantes da região – todos brancos – são convidados. Chris é apresentado à cada um deles. Logo, logo ele se torna um objeto de curiosidade geral e o rapaz, mais uma vez, é submetido a situações embaraçosas acerca de sua cor. Dentre estas situações, uma mulher apalpa os braços de Chris com quem escolhe abacates no mercado e ela pergunta “Então é verdade? É melhor?”. Com essas perguntas Rose fica chocada. A mulher obviamente perguntara sobre o desempenho sexual do homem negro, exatamente colocando Chris no lugar da selvageria e da compulsão sexual, um fetiche muito comumente associado ao corpo negro masculino. O estereótipo é “uma forma de poder hegemônico e discursivo que opera tanto por meio da cultura, da produção de conhecimento, das imagens e da representação” (HALL, 2016: 200). Portanto, nesta lógica, Chris não seria nada além de um pedaço de carne a serviço da branquira que o sobressai.

É nesta festa que o jovem rapaz que foi sequestrado reaparece na narrativa. Chris fica muito feliz que finalmente havia mais uma pessoa negra na festa que não estivesse servindo. Chris aborda o rapaz dizendo “é bom ver mais um irmão por aqui”. O rapaz responde de forma vazia concordando com ele. Chris começa a achar que há algo de errado na forma como as outras pessoas negras ao seu redor naquela casa o tratavam. Nos EUA, a palavra irmão, dirigida de um homem negro para outro, é uma forma de cumprimento muito comum e que em qualquer outra situação seria comum a resposta positiva ao cumprimento.



**COMUNICON2018**  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Neste momento de isolamento social, Chris resolve conversar com seu amigo Rod, que ficou cuidando de seu cachorro na cidade. Chris tira uma foto do rapaz, a fim de comentar a situação embaraçosa que passou com ele. O flash da câmera de seu celular reage contra a luz nos olhos do rapaz e seu nariz começa a sangrar, os olhos perdem o foco e o rapaz começa a gritar “Corra! Corra! Corra!”. Transtornado, Chris não sabia muito bem como reagir e começou a suspeitar de tudo que via.

A partir daí, tudo começa a mudar, a atmosfera de horror toma a cena da narrativa. Dean coordena um leilão e o leiloador é o Chris. A festa fora na verdade um grande teatro para exibição da mercadoria: a carne, o corpo e a sanidade de Chris.

### **O transplante e a dominação da branquura**

Chris corre desesperado para dentro da casa, ele sobe até o quarto e começa a arrumar as malas, a fim de ir embora, de volta para sua casa. Durante o processo, Chris acha uma pequena porta no quarto de Rose. Ele abre a porta e encontra uma caixa vermelha com muitas fotos. As fotos são todas de Rose acompanhada de pessoas negras e Chris se espanta ao ver o rosto de Georgina e Walter como então namorados de Rose em cada foto. Chris não questiona Rose sobre o assunto e continua insistindo que gostaria de voltar para casa. Ao descer as escadas até a sala, Chris percebe que todos os convidados foram embora. Ele não sabia ainda, mas ele acabara de ser vendido para um homem cego que ele havia conversado por um breve momento. Jeremy, irmão de Rose, o ataca com uma vassoura e Chris desmaia.

Quando acorda, Chris se encontra amarrado a uma cadeira de couro. Ele tenta se soltar. Enquanto isso, uma televisão a sua frente liga e começa a reproduzir um vídeo. O homem que fala no vídeo é Roman Armitage, o avô de Rose. O senhor grisalho começa a dizer que “se você está assistindo este vídeo, saiba que foi escolhido pelas suas vantagens físicas que você desfrutou durante toda a sua vida”. Em suma, entende-se que o corpo negro, o corpo de Chris é geneticamente mais forte, mais resistente. Chris foi “escolhido” para ser submetido, contra à sua vontade, ao procedimento Coagula. Um transplante em que o cérebro de Chris é trocado por o cérebro do homem que o comprou no leilão mencionado acima.

Pensando a partir das considerações desta cena, podemos entender a alegoria ficcional como um todo. Entender o corpo de Chris como mais forte e mais resistente é voltar-se ao entendimento escravocrata sobre o corpo negro. O transplante aqui é posicionado como um ato sincrético de





COMUNICON2018  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

consumação do corpo negro com a mente branca, o cérebro branco. O cérebro do homem branco que habitaria no corpo do homem negro se relaciona de forma ambígua: ora como uma forma máxima de dominação do corpo negro, ora como se a cor fosse irrelevante. O cérebro em si, não tem cor, não possui pertencimento ou características exclusivas que se manifestam de formas divergentes no homem branco e no homem negro.

O transplante cerebral vai de encontro à simbologia e ao deslocamento do discurso da frenologia que se manifesta aqui em outras escalas nesta narrativa de ficção científica. O caso lembra a história de Sarah Baartman<sup>3</sup>, mulher africana que foi estudada e exibida em circos franceses e ingleses durante anos e, após sua morte, foi esquartejada e sua genitália exibida ao lado do cérebro de Descartes. A diferença do fetiche entre o branco e o preto está exatamente nas diferenças do corpo em que são reduzidos. O ápice do imaginário sobre a branquura se manifesta na redução de sua existência sob a materialidade do cérebro. Já o preto, é alocado no fetiche da genitália, corpos negros desasujeitados e objetificados.

## Referências

BOURDIEU, Pierre. **A distinção crítica social do julgamento**. Edusp, 2007.

CARVALHO, José Jorge; SOARES, Luís Felipe Guimarães; PELBART, Peter Pál. **Racismo fenotípico e estéticas da segunda pele**. 2008.

FANON, Frantz; DA SILVEIRA, Renato. **Pele negra, máscaras brancas**. EDUFBA, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Edições Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. O nascimento da clínica, trad. Roberto Machado. 6ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

GILROY, Paul. **O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência**. Editora 34, 2001.

GRAY, Herman. **Cultural moves: African Americans and the politics of representation**. University of California Press, 2005.

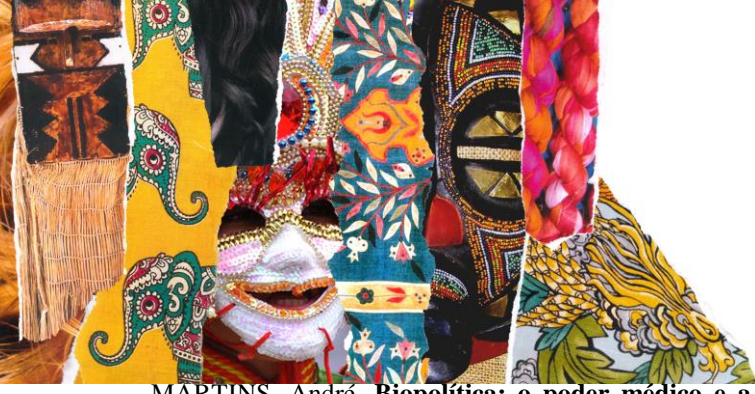
HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro, PUC-Rio, Apicuri, 2016.

HELLER, Agnes. **Sobre os preconceitos**. In: **O cotidiano e a história**. 6a ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, p. 43-65, 2000.

---

<sup>3</sup> Saartjie Baartman foi um mulher negra Africana pertencente ao povo Khoisan exibida como uma aberração na Europa durante o século XIX. Mais informações disponíveis em:

<[http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/01/160110\\_mulher\\_circo\\_africa\\_lab](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/01/160110_mulher_circo_africa_lab)>



**COMUNICON2018**  
congresso **internacional**  
**comunicação e consumo**

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

MARTINS, André. **Biopolítica: o poder médico e a autonomia do paciente em uma nova concepção de saúde.** Interface-Comunicação, Saúde, Educação, v. 8, n. 14, p. 21-32, 2004.

DA SILVA, Tomaz Tadeu et al. **A produção social da identidade e da diferença. In: Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis: Vozes, p. 73-102, 2000.